



## ***EMPREENDEDORISMO FEMININO EM NEGÓCIOS DE BASE TECNOLÓGICA***

### ***FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN TECHNOLOGY-BASED BUSINESSES***

Área temática: Empreendedorismo.

*SILVA, João Paulo Moreira  
SILVA, Amanda Carvalho de Castro  
VALE, Conceição Piedade  
GUIMARÃES, Liliane de Oliveira  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*

#### **Resumo**

Este estudo, de natureza qualitativa, buscou investigar mulheres empreendedoras em negócios de base tecnológica, identificando motivações e dificuldades enfrentadas no processo empreendedor. Adicionalmente buscou-se identificar como as empreendedoras superaram as adversidades do referido processo. As unidades de análise foram 4 empreendedoras de base tecnológica e os dados foram coletados a partir de entrevistas e análise documental. Utilizou-se o software Nvivo para organizar as informações e facilitar a análise de conteúdo. Como subsídio ao desenvolvimento do trabalho utilizou-se literatura que discute o empreendedorismo feminino, com realce para a teoria que esclarece sobre potenciais motivações – individuais, familiares e mercadológicas – e desafios comuns ao processo empreendedor feminino. Constatou-se que nos casos pesquisados o processo empreendedor não é pautado pela necessidade. Além disso, demonstrou-se como o preconceito e barreiras culturais do ambiente de negócios constituído por empreendedores e investidores homens influenciam no desenvolvimento e operação dos empreendimentos liderados por mulheres.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo feminino; Negócios de base tecnológica; Processo empreendedor.

#### **Abstract**

This qualitative study sought to investigate women entrepreneurs in technology-based businesses, identifying motivations and difficulties faced in the entrepreneurial process. Additionally, it sought to identify how female entrepreneurs overcame the adversities of this process. The units of analysis were 4 technology-based entrepreneurs and the data were collected from interviews and document analysis. The Nvivo software was used to organize the information and facilitate the content analysis. As a subsidy to the development of the work, literature that discusses female entrepreneurship was used, with emphasis on the theory that clarifies the potential motivations - individual, family, and market - and common challenges to



the female entrepreneurial process. It was found that in the cases researched the entrepreneurial process is not driven by necessity. Furthermore, it was shown how prejudice and cultural barriers of the business environment constituted by male entrepreneurs and investors influence the development and operation of ventures led by women.

**Keywords:** Female entrepreneurship, Technology-based business, Entrepreneurial process.

## 1. Introdução

O empreendedorismo feminino pode ser compreendido como um processo que ocorre quando mulheres se envolvem na criação de empreendimentos (OLAREWAJU; FERNANDO, 2020). Após o início dos estudos sobre empreendedorismo feminino nos anos 1980, um longo caminho foi percorrido até que a literatura destacasse as particularidades do processo empreendedor realizado por mulheres (JENNINGS; BRUSH, 2013).

Compreendidas como um fator importante na diversidade econômica de países desenvolvidos e em desenvolvimento (VERHEUL; VAN STEL; THURIK, 2004), as mulheres acabam por percorrer uma trajetória empreendedora considerada única. Usualmente, as vicissitudes vinculadas aos seus empreendimentos ganham caráter negativo, como maior dificuldade de acesso a recursos financeiros (MACHADO et al., 2003), sociais (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021), além de barreiras culturais, como preconceito e necessidade de adaptação constante (VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021).

Entre as motivações e dificuldades relacionadas ao empreendedorismo feminino, destacam-se aquelas de cunho sociocultural, como a empreendedora que necessita complementar a renda familiar e desenvolve um negócio por necessidade (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022; MACHADO et al., 2003), fato observado principalmente nos países em desenvolvimento (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022). No Brasil, as mulheres possuem taxas de intenção empreendedora próxima às dos homens, mas iniciam menos empreendimentos e, de forma surpreendente, possuem maior taxa de fechamento de negócios. Questões familiares são um dos principais fatores para o fim da atividade empreendedora feminina (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022).

Recentemente, entretanto, as mulheres empreendedoras buscaram e conquistaram espaços tanto no empreendedorismo tradicional quanto no empreendedorismo de base



tecnológica. Atualmente assumindo posições na liderança de negócios digitais em diferentes países do mundo e na implantação de novas tecnologias para a operação de seus empreendimentos (ESTRIN; MICKIEWICZ, 2011; GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022), as mulheres empreendedoras inovadoras têm disputado espaços tradicionalmente ocupados por atores masculinos, como empreendedores e investidores das áreas de ciência e tecnologia (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022). Tais transformações tornam o campo do empreendedorismo feminino não somente um campo fértil para pesquisas, dada sua recém-estruturação no contexto nacional (GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2017), mas também permite pesquisas que foquem na comparação e compreensão entre empreendedoras mulheres, sem a utilização de empreendedores homens enquanto unidade de análise (CORRÊA et al., 2022).

Dessa forma, este estudo se propõe a investigar mulheres empreendedoras em negócios de base tecnológica, buscando identificar as razões e desafios do processo empreendedor, buscando entender como as empreendedoras superaram as adversidades do referido processo. Para tanto, foi elaborada uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de se aprofundar no processo empreendedor de 4 empreendedoras naturais de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Foi conduzido um extenso estudo documental, além de entrevistas em profundidade com as empreendedoras.

Como resultados preliminares, identificou-se que as empreendedoras iniciaram seus empreendimentos por motivações diversas, incluindo aspectos individuais, familiares e mercadológicos. As barreiras para o desenvolvimento do empreendimento, por outro lado, estão intimamente ligadas ao preconceito. O ambiente de negócios dos setores de software e biotecnologia surgiram como um contexto ainda em transformação, amplamente dominado por empreendedores e investidores homens. Barreiras culturais e sociais, além do preconceito, impactaram e ainda impactam o desenvolvimento dos empreendimentos liderados por mulheres, mesmo aqueles já legitimados e reconhecidos pelo próprio ecossistema empreendedor.

Dessa forma, o trabalho apresenta, além dessa introdução, na seção dois o referencial teórico que discute o empreendedorismo feminino, incluindo as motivações e dificuldades das mulheres empreendedoras. Na seção três é apresentada a metodologia, onde se debate o método utilizado pelo estudo, assim como os construtos analisados. Durante a seção quatro são



apresentados os casos levantados, assim como as primeiras análises. Na seção cinco tem-se a discussão dos resultados analisados em relação às motivações e dificuldades vivenciadas pelas empreendedoras de base tecnológica. Por fim, as considerações finais são apresentadas na seção seis.

## 2. Referencial teórico

De forma objetiva, o empreendedorismo feminino ocorre quando mulheres se envolvem na criação de empreendimentos (OLAREWAJU; FERNANDO, 2020). Entretanto, a diferenciação entre o empreendedorismo feminino e sua contraparte masculina nem sempre foi delimitada pela literatura temática. Jennings e Brush (2013), por exemplo, demonstraram – por meio de longa documentação acerca dos estudos sobre empreendedorismo feminino –, que as diferenças relativas ao empreendedorismo praticado por mulheres passaram por uma extensa jornada até ganhar relevância e evidência. Desde os primeiros estudos sobre empreendedorismo feminino publicados na década de 70 e 80 (e.g. BOWEN; HISRICH, 1986), mencionava-se a necessidade de se compreender as particularidades do fenômeno empreendedor desencadeado por mulheres, uma vez que elas passavam a ocupar uma porção cada vez maior da força de trabalho – principalmente nos países desenvolvidos (OZKAZANC-PAN, 2018). No Brasil, entretanto, a literatura sobre empreendedorismo feminino ainda é considerada incipiente, em fase de amadurecimento (GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2017).

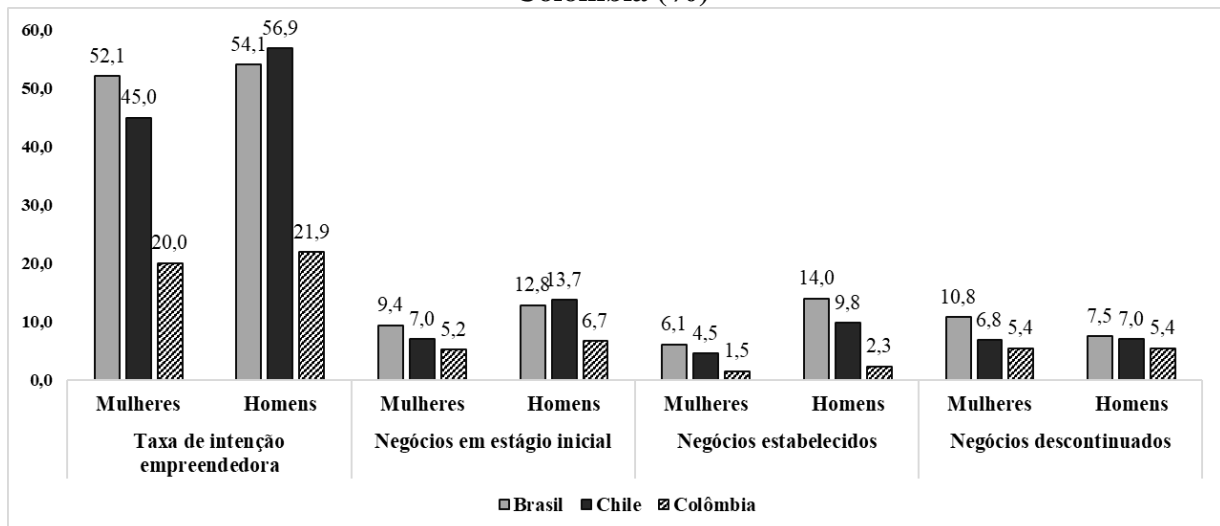
Em relação às diferenças entre o processo empreendedor em países desenvolvidos e em desenvolvimento, não é novidade que o contexto socioeconômico cultural influencia o empreendedorismo de maneira direta (WELTER, 2011; WELTER; SMALLBONE, 2008), mas tal fato torna-se ainda mais evidente em relação ao empreendedorismo feminino. Diferenças culturais são fatores de destaque entre as distinções em taxas de empreendedorismo, o que torna a comparação entre países desafiadora (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022).

A Figura 1 demonstra algumas diferenças em taxas de empreendedorismo apenas nos países da América Latina mapeados pelo GEM (2022). Em países como Brasil e Colômbia, por exemplo, é possível perceber que a taxa de intenção em iniciar um novo negócio entre mulheres e homens se aproximam. Entretanto, a similaridade entre os números não se repete ao se observar as taxas de negócios em fase inicial e negócios estabelecidos. Em relação aos negócios



descontinuados, por sua vez, as taxas se invertem, e as mulheres ganham proeminência em relação aos empreendedores homens.

**Gráfico 1 - Taxas de Empreendedorismo - Mulheres x Homens - Brasil, Chile e Colômbia (%)**



Fonte: Elaborado com dados de GEM (2022).

Atualmente, reconhece-se que o fenômeno empreendedor favorece a diversidade de empreendimentos na economia (VERHEUL; VAN STEL; THURIK, 2004). Além disso, admite-se que o fenômeno empreendedor é um processo distinto para homens e mulheres, mais especificamente em relação a dificuldade de acesso a recursos, menor desempenho econômico das organizações e menor tempo de vida dos empreendimentos que elas conduzem (CARRANZA; DHAKAL; LOVE, 2018; JENNINGS; BRUSH, 2013; OLAREWAJU; FERNANDO, 2020).

Ademais, o empreendedorismo feminino passou a ser considerado como um fenômeno mais amplo que a pura criação de empresas, podendo ser “um caminho para o avanço socioeconômico das mulheres nos países em desenvolvimento” (OLAREWAJU; FERNANDO, 2020, p.1), estando em função de alguns aspectos contextuais, como apoio institucional e acesso a recursos necessários para criação e desenvolvimento dos negócios (CORRÊA et al., 2022; ROCHA DE PAULI, 2021). Superação da condição de pobreza, acesso a serviços financeiros e influência na formulação de políticas públicas são algumas das consequências da maior presença de mulheres empreendedoras na economia, principalmente nos países em desenvolvimento (UN WOMEN, 2018).



Nesse sentido, quando se trata de empreendedorismo feminino, tanto razões econômicas quanto sociais e psicológicas são apontadas (LANGOWITZ; MINNITI, 2007). Abrindo negócios, a empreendedora busca também livrar-se de situações incômodas (UN WOMEN, 2018). Dentre as razões para mulheres iniciarem seus empreendimentos é possível citar a necessidade de sobrevivência, maior flexibilidade de horários - procurando conciliar a exigência do trabalho e da família -, alcançar autonomia, independência financeira ou para complementar a renda familiar (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021; SANTOS DA SILVA; MAINARDES; LASSO, 2016; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021). Além disso, mulheres iniciam seus empreendimentos também pela dificuldade que encontram para ter acesso a escalões superiores nas organizações ou para se sentirem autorrealizadas e identificadas com o que fazem (JONATHAN, 2005), incluindo empreendimentos de impacto social (IIZUKA; COSTA, 2022) e que possuam envolvimento com o desenvolvimento da comunidade que fazem parte (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021). Uma parcela menor de mulheres abre seus negócios por influência familiar e por percepção de oportunidade de mercado (MACHADO et al., 2003), como negócios de alto impacto (ESTRIN; MICKIEWICZ, 2011), apesar de dados recentes apontarem para uma mudança neste cenário, principalmente nos países desenvolvidos (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2022).

O Quadro 1 apresenta as principais razões que levam mulheres a empreender e contempla os principais autores que abordam cada um dos itens.

**Quadro 1 - Motivações para o empreendedorismo feminino**

<b>Categoria</b>	<b>Motivação</b>	<b>Autores</b>
Aspectos individuais	Independência financeira; Crescimento na carreira; Flexibilidade de horário; Trabalho com propósito e significado; Alcançar cargos importantes e de liderança; Empreendimento por paixão ao que faz; Satisfação pessoal	Jonathan, 2005; Machado, 2009; Guimarães, 2013; Cortez, Araújo e Pereira, 2017; Oliveira et al., 2021; Iizuka e Costa, 2022; Buaride, Gomes & Vale, 2022; GEM, 2022
Aspectos familiares	Complementar renda familiar; Influência de familiares na decisão por empreender;	Machado et al., 2003; Machado, 2009; Guimarães, 2013
Aspectos mercadológicos	Reconhecimento de oportunidade de mercado	Machado et al., 2003; Guimarães, 2013

**Fonte: Elaborado pelos autores**

No entanto, pesquisas realizadas por diferentes autores mostram que as mulheres se defrontam com muitas dificuldades no seu processo empreendedor, tais como: ausência de apoio de familiar, falta de experiência, falta de tempo, treinamento e de experiência em gestão



empresarial (SHRAGG; YACUK; GLASS, 1992), bem como pouco acesso a redes de informação (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021; CORRÊA et al., 2022). Outros obstáculos são comuns na vida das mulheres empreendedoras, como a falta de capital de giro e o reduzido acesso a financiamentos (DATTA, 2003; MATHEW, 2010; RODRÍGUEZ; SANTOS, 2009; WINN, 2005) o que colabora para que mulheres iniciem empreendimentos com baixo capital inicial, geralmente menor do que o de empreendedores homens (FAIRLIE; ROBB, 2009).

Além disso, dificuldades associadas à cultura também foram identificadas, principalmente nas culturas em que predomina a visão da mulher como dócil, frágil e desprovida de capacidade de atuar em uma sociedade comercial (GRAY; FINLEY-HERVEY, 2005; RODRÍGUEZ; SANTOS, 2009; WELTER; SMALLBONE, 2008). Dificuldades ligadas à falta de reconhecimento e preconceito são amplamente citadas como consequências advindas do processo empreendedor feminino (BUARIDE; GOMES; VALE, 2022; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021).

Estrin e Mickiewicz (2011), por exemplo, demonstram que contextos de restrições à liberdade das mulheres as impedem de desenvolver e gerir negócios de alto impacto. Langowitz e Minniti (2007), por sua vez, destacam que as empreendedoras mulheres tendem a possuir uma visão de si mesmas e de seus negócios mais negativa do que os homens empreendedores, gerando consequências nefastas para o desenvolvimento de seus empreendimentos. Entretanto, as empreendedoras mulheres também podem utilizar dos laços familiares de maneira a potencializar seus empreendimentos, uma vez que possuem dificuldades no acesso a outros recursos devido às barreiras ao capital social (POWELL; EDDLESTON, 2013). Em contrapartida, empreendedores homens seriam menos propensos a alavancar seus negócios por meio de conexões com a dimensão familiar. Específico ao contexto brasileiro, mulheres empreendedoras utilizaram recursos financeiros advindos de microcrédito com maior impacto do que empreendedores homens, principalmente na alocação de recursos para geração de emprego para outras mulheres (ROCHA DE PAULI, 2021).

O Quadro 2 sintetiza as principais dificuldades enfrentadas por mulheres no processo empreendedor e contempla os principais autores que abordam cada um dos itens.

**Quadro 2 - Dificuldades no empreendedorismo feminino**

<b>Dificuldade</b>	<b>Autores</b>
Financiamento, acesso ao crédito.	Jonathan, 2005 Winn, 2005; Machado, 2009; Matthew, 2010.



Discriminação pelo fato de ser mulher	Machado, 2009, Gray & Finley-Hervey, 2009; Rodriguez & Javier, 2009; Estrin e Mickiewicz, 2011; Versiani et al., 2021.
Conciliar múltiplas tarefas	Machado, 2009; Iizuka e Costa, 2022; Buaride, Gomes e Vale, 2022.
Falta de acesso à rede de apoio	Corrêa et al., 2021; Oliveira et al., 2021.
Falta de apoio familiar	Shragg, Yacuk e Glass, 1992; Machado, 2009; Buaride, Gomes e Vale, 2022.

**Fonte: Elaborado pelos autores**

Por fim, ressalta-se também certa adaptabilidade das mulheres empreendedoras no ambiente organizacional e empresarial vigente. Em vista das dificuldades relacionadas ao preconceito, mulheres empreendedoras podem desenvolver características consideradas masculinas, como ênfase em negociação ou certa mudança de postura no gerenciamento da empresa, adotando comportamentos mais incisivos (VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021). Em face às dificuldades, não raro as mulheres empreendedoras reforçam a importância de características como responsabilidade, coragem, paciência (KOT; MEYER; BRONISZEWSKA, 2016) e perseverança (CORTEZ; DE ARAÚJO; PEREIRA, 2017) para o início e permanência do processo empreendedor feminino.

### **3 Metodologia**

O estudo possui natureza qualitativa. Estudos qualitativos são recomendados para a criação de teorias em relação a campos de estudo ainda em desenvolvimento (EDMONDSON; MCMANUS, 2007), como a temática de empreendedorismo feminino (GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2017) e como alternativa à pesquisa quantitativa, método ainda predominante no estudo do empreendedorismo (SUDDABY; BRUTON; SI, 2015). O método de estudo utilizado foi o Estudo de Caso (YIN, 2001), ou a análise de um fenômeno social em determinado tempo e espaço, com vistas a se reconhecer o fenômeno de maneira holística e em profundidade (YIN, 2001).

As unidades de análise foram 4 empreendedoras de base tecnológica, com raízes em Belo Horizonte e Região Metropolitana. Considera-se empresa de base tecnológica todo aquele empreendimento que depende de tecnologia para seu desenvolvimento e sobrevivência, sem que isso signifique, necessariamente, que a tecnologia seja inovadora (LINDHOLM DAHLSTRAND, 2007). Ou seja, uma empresa de base tecnológica é aquela cuja operação depende da tecnologia.





As empreendedoras foram selecionadas após consulta a participantes de dois reconhecidos programas de aceleração e incubação de Belo Horizonte e Região Metropolitana, aqui denominados AceleraTech e EmpreendeTech. Para cada uma das empreendedoras entrevistadas, as análises dos dados mantiveram-se dentro de temas debatidos durante o referencial teórico, como: (i) perfil empreendedor; (ii) motivações para empreender e (iii) dificuldades para empreender. Todas as categorias de análise possuem como pano de fundo o empreendedorismo feminino como um processo distinto do empreendedorismo tradicional, principalmente quanto às suas motivações e dificuldades (JENNINGS; BRUSH, 2013; OLAREWAJU; FERNANDO, 2020).

A coleta de dados baseou-se por ferramentas que traduzem dados qualitativos, como entrevistas em profundidade e pesquisa documental (EISENHARDT; GRAEBNER, 2007; YIN, 2001). Foram conduzidas 4 entrevistas em profundidade com as empreendedoras selecionadas, além de longa consulta a arquivos e documentos relativos às empreendedoras e seus empreendimentos (Quadro 3). As entrevistas tiveram duração média de 60 minutos. Em relação à pesquisa documental, cerca de 90 páginas em texto foram levantadas, incluindo notícias em jornais e revistas, *releases*, comunicação institucional, além de vídeos e palestras em que as empreendedoras eram participantes.

**Quadro 3 - Lista de entrevistas conduzidas durante o estudo**

Identificação	Entrevistada	Tempo de duração
Maria	Empreendedora, sócia-fundadora da Empresa Alfa	01:12:05
Angela	Empreendedora, sócia-fundadora da Empresa Beta	00:51:13
Carolina	Empreendedora, sócia-fundadora da Empresa Gama	01:05:46
Ana Paula	Empreendedora, sócia-fundadora da Empresa Delta	00:56:15

Fonte: elaborada pelos autores (2022)

Após o agrupamento dos dados, uma leitura inicial do *corpus* de pesquisa foi realizada (BAUER; GASKELL, 2008). A análise preliminar do material foi seguida da manipulação dos dados qualitativos por meio do software NVivo 11, onde o material foi codificado e agrupado por meio de análise temática, em busca da triangulação dos dados (FUSCH; NESS, 2015). Ainda como percepções iniciais dos dados, notou-se que os documentos secundários, incluindo as informações institucionais dos empreendimentos, não abordavam – ou abordavam apenas de maneira superficial – informações pessoais das empreendedoras, incluindo formação acadêmica e experiências profissionais. Em virtude de o fenômeno empreendedor feminino



possuir certas especificidades, tal fato foi endereçado como um achado inicial por meio da leitura exploratória dos dados.

Após a codificação de todas as fontes de dados utilizadas, teve início a análise dos resultados, que serão relatadas a seguir.

#### **4 Análise dos resultados**

A Empresa Alfa foi fundada em 2015 por Maria e sua sócia. As empreendedoras são biólogas de formação, ambas com pós-doutorado em Microbiologia. A empresa realiza análise completa do inóculo cervejeiro, permitindo economia na produção e qualidade das fermentações (Documento 8), oferecendo assim “suporte técnico e científico por meio de produtos e serviços que agregam valor” à produção cervejeira (Documento 1). A Empresa Alfa, que iniciou como um projeto de extensão de uma universidade local, integrou o EmpreendeTech em 2018. Durante o programa, Maria cita que foi um momento de grande aprendizagem, além de marcante devido ao fato de ter fundado um CNPJ de fato. A empreendedora e sua sócia tiveram contato com “pessoas importantes”, além de receberem significativo investimento que foi utilizado para aquisição de equipamentos diversos.

Ângela e outras duas empreendedoras, todas graduadas em Farmácia, fundaram a Empresa Beta em 2018. A Empresa Beta fornece um serviço personalizado para “pessoas que utilizam múltiplos medicamentos contínuos. O tratamento é fornecido em embalagens individualizadas para o período de 30 dias de acordo com a hora e data prescritos” (Documento 17). A Empresa Beta passou por três reconhecidos programas de aceleração em nível regional e nacional, angariando prêmios e menções honrosas, até se sagrar campeã do primeiro EmpreendeTech. Ângela afirmou que diferentes programas auxiliaram o empreendimento de formas distintas, como habilidades para apresentação de pitches e criação de CNPJ, até a execução de atividades administrativas mais complexas: “Instigava a execução, a máxima de testar rápido e errar rápido [...]. Toda semana era muita novidade e isso brilhava o olho”.

Carolina possui graduação em Fisioterapia e mestrado em Ciências Cardiovasculares. Em 2017 fundou a Empresa Gama, juntamente com sua sócia, graduada em Psicologia. A Empresa Gama é responsável por promover a contratação profissional inclusiva, realizando assim a conexão profissional entre pessoas com diversidade funcional e empresas. A partir do levantamento de habilidades, feito através de testes cognitivos e técnicas específicas da



psicologia cognitiva, a empresa consolida as características mais relevantes do profissional PcD em uma ferramenta própria (Documento 21). Em 2019, a Empresa Gama participou do seu primeiro programa de aceleração, o AceleraTech, onde foi premiada e recebeu aporte financeiro. De acordo com Carolina, o programa auxiliou de diversas maneiras, principalmente com “bastante visibilidade”. Além disso, a Empresa Gama participou também de um programa de aceleração focado em seu mercado de atuação. A empresa mantenedora do programa viria a se tornar parceira da Empresa Gama posteriormente.

Por fim, Ana Paula é bióloga e doutora em Oncologia, além de sócia-fundadora e administradora da Empresa Delta, fundada em 2016 por outros três sócios. A Empresa Delta realiza testes moleculares, por meio de algoritmos, para fornecer informações sobre a natureza dos tumores, a probabilidade de recidiva do câncer e o benefício da quimioterapia em pacientes com câncer de ovário (Documento 26). A Empresa Delta participou, desde a sua fundação, de inúmeros programas de aceleração e incubação nacionais e internacionais, tendo sido reconhecida e premiada em diversos deles, incluindo o EmpreendeTech. Para a empreendedora, o recurso crítico adquirido por meio do programa foram conhecimentos para o desenvolvimento da empresa: “Eu preciso entender de marketing, de finanças, eu preciso entender todos os aspectos da empresa. [...] todas as facetas que uma empresa de negócios e ciências da vida precisa conhecer”.

As informações dos casos estão condensadas no Quadro 4.

**Quadro 4 - Identificação dos empreendimentos**

<b>Empreendimento</b>	<b>Setor</b>	<b>Data de fundação</b>	<b>Nº de funcionários</b>	<b>Área de formação da empreendedora</b>
Empresa Alfa	Biotecnologia	2015	3	Biologia
Empresa Beta	Biotecnologia	2018	Aprox. 100	Farmácia
Empresa Gama	Software	2017	Aprox. 8	Fisioterapia/Psicologia
Empresa Delta	Biotecnologia	2016	6	Biologia/Medicina

**Fonte: elaborada pelos autores (2022)**

Em relação às motivações para empreender, Maria cita que a sua atividade empreendedora se iniciou devido à identificação de uma oportunidade de mercado no ramo em que atua: “Nós somos pioneiras, com produção de leveduras líquidas do estado de Minas Gerais [...]. Então, nesse momento, a gente viu esse gap no mercado” (Maria).

Para Ângela, a motivação citada é familiar. A família, segundo a empreendedora, pode ser representada como um exemplo de proatividade e de persistência:



“Eu tenho alguns exemplos em casa de empreendedorismo que não tiveram muito sucesso. Então: meu pai é aquele empreendedor em série que não conseguiu criar muita coisa [...], e a minha avó é aquela empreendedora que me traz toda inspiração... de força, de garra, de ter criado um negócio do zero [...]. Então, eu acho que a minha grande inspiração vem muito disso, do meu DNA”. (Ângela)

Complementarmente, Carolina cita especialmente motivação de aspecto individual para início do processo empreendedor. Essa motivação está relacionada a diversos fatores, mas principalmente exercer trabalho com propósito e significado, além de paixão pelo o que faz (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021; SANTOS DA SILVA; MAINARDES; LASSO, 2016; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021). Nesse sentido, a entrevistada afirma: “eu não ia fazer [a diferença] sendo funcionária de um lugar, e eu sempre quis trabalhar com uma coisa que me realizasse muito. Talvez o meu negócio próprio me dê essa possibilidade [...]”.

Ana Paula, por sua vez, destaca que a sua motivação para empreender também é individual, em relação a um trabalho com propósito e significado, mas com o objetivo de construir uma solução que auxiliasse pessoas com câncer. A entrevistada afirma: “vem da motivação que a gente tinha em conhecer o câncer [...] e trazer uma tecnologia acessível para a população”. A motivação de Ana Paula representa uma parcela do empreendedorismo feminino que almeja contribuir com impacto social, além da preocupação com a comunidade ao redor e a outras mulheres (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021; IIZUKA; COSTA, 2022).

Em relação às dificuldades para empreender, diversos fatores foram citados, com destaque para as dificuldades originadas do preconceito (GRAY; FINLEY-HERVEY, 2005; RODRÍGUEZ; SANTOS, 2009; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021) e as consequências do mesmo. Maria, fundadora da Empresa Alfa, por exemplo, mencionou certa discriminação pelo fato de ser mulher. Tal discriminação seria acentuada devido ao setor em que a empresa atua – setor cervejeiro –, predominantemente masculino. Aspectos relativos à falta de contatos com a rede de empreendedores e investidores da região também foram citados, mas sem maior ênfase em sua relação com o gênero da empreendedora.

Ângela, fundadora da Empresa Beta, citou dificuldades em diversas áreas, com destaque para o machismo e certa resistência exposta por partes interessadas do mercado farmacêutico: “As pessoas quando olham para alguma solução inovadora na área da saúde, ficam resistentes”.



Em relação ao machismo, Ângela pondera: “geralmente, quando a gente fala com os investidores de grandes empresas, os grandes executivos são homens mais velhos, brancos, enfim. Aqueles *checks* que potencializam este cenário. Senti [preconceito por ser mulher], mas nunca foi algo muito crítico, para ser sincera”. Aspectos financeiros e relativos à gestão de pessoas também foram citados pela empreendedora, mas relacionados à operação rotineira da Empresa Beta.

Carolina, fundadora da Empresa Gama, por sua vez, também relata desigualdades, pois “você vai para uma sala e só tem homens”. Para superar essa situação, a empreendedora cita algumas saídas, como resiliência e agilidade emocional. Tais condições comportamentais podem ser observadas também na literatura temática (CORTEZ; DE ARAÚJO; PEREIRA, 2017; KOT; MEYER; BRONISZEWSKA, 2016). A empreendedora cita que atualmente possui uma “postura diferente”, com maior “agilidade emocional” e “controle”. Carolina é contundente: “se eu quiser chorar em uma reunião, eu vou chorar! Eu já consigo me posicionar [...], mas não é fácil para uma mulher nesse meio não”.

Por fim, Ana Paula, sócio fundadora da Empresa Delta, alegou que sentiu dificuldade e preconceito pela questão de gênero, já que “existe um preconceito velado”. A empreendedora também cita certa resistência dos atores envolvidos no setor em que atua - hospitalar/farmacêutico. A referida resistência, somada ao preconceito, confluem para gerar contextos financeiros de dificuldade para a Empresa Delta: “nós não estamos faturando porque a gente não consegue entrar nesse mercado, é algo muito difícil entrar no mercado médico com uma *startup*”. Ainda segundo a empreendedora, alguns dados da organização, como o gênero das sócias-fundadoras, são omitidos dos canais oficiais da empresa para que as barreiras não se tornem ainda maiores.

## 5 Discussão

Em relação às motivações enfrentadas pelas empreendedoras analisadas, de forma objetiva, percebe-se que ao menos uma motivação levantada pela literatura temática foi observada em cada um dos casos estudados - aspectos individuais, familiares e mercadológicos. Aspectos individuais, como exercer um trabalho com propósito e significado, além de possuir paixão pelo o que faz (BAYMA DE OLIVEIRA et al., 2021; SANTOS DA SILVA; MAINARDES; LASSO, 2016; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021),



foram citados de maneira mais contundente, como destacado pelas empreendedoras Carolina e Ana Paula. É necessário destacar que aspectos pouco abordados pela literatura sobre empreendedorismo feminino também foram citados. Uma das empreendedoras - Maria - destacou motivação mercadológica para seu empreendimento (ESTRIN; MICKIEWICZ, 2011; MACHADO et al., 2003) e Ângela mencionou influência familiar, uma motivação comumente atrelada a empreendedores homens (GEM, 2022) e temas abordados de maneira periférica pela literatura em empreendedorismo feminino.

Além disso, é importante ressaltar que nenhuma das empreendedoras citaram motivações que se relacionam com o empreendedorismo por necessidade, como a complementação de renda familiar, comum na jornada empreendedora de mulheres (SANTOS DA SILVA; MAINARDES; LASSO, 2016; UN WOMEN, 2018; VERSIANI; CARVALHO NETO; LIMA CAEIRO, 2021). Cogita-se que tal fato esteja relacionado à natureza do empreendedorismo de base tecnológica, assim como o perfil das empreendedoras, todas pós-graduadas em cursos relacionados à área médica e científica.

As dificuldades, por outro lado, foram homogêneas. Apesar de citarem aspectos financeiros, de gestão de pessoas e de acesso às redes de negócios locais, tais dificuldades não possuíam vínculo com o gênero das empreendedoras. O preconceito, por outro lado, foi mencionado por todas as empreendedoras como uma das dificuldades enfrentadas durante o processo empreendedor. Mais especificamente, Ana Paula e Ângela citaram a forma em que o preconceito por serem mulheres se transformam em barreiras para comercializarem inovações no mercado farmacêutico/hospitalar. No caso de Ângela e Carolina, foram citadas maneiras em que a organização e a empreendedora tiveram de se “adaptar” ao ambiente masculino, como identificado em Versiani et al. (2021), para evitar preconceitos - tanto “velados” quanto expostos de maneira clara. As dificuldades provenientes de um ambiente de negócios majoritariamente povoado por empreendedores e investidores homens também foi tema das falas de Maria e Carolina.

Dessa forma, a partir do acima exposto, argumenta-se que as empreendedoras dos setores de biotecnologia e software não somente possuem os desafios semelhantes àqueles identificados pelo empreendedorismo feminino convencional, mas também enfrentam barreiras socioculturais advindas do ambiente permeado por empreendedores e investidores homens, que impactam o desenvolvimento de seus negócios de maneira objetiva. Além disso, cogita-se que



a necessidade de se adaptar ao ambiente masculino proporcione um conflito interno e organizacional que pode ter influência tanta na saúde da organização quanto na saúde individual das empreendedoras mulheres. Novos estudos podem checar, por meio de levantamentos, o impacto do ambiente de negócios em empreendedoras mulheres das áreas de software e biotecnologia.

## **6 Considerações finais**

Este estudo em construção buscou investigar mulheres empreendedoras em negócios de base tecnológica, identificando as razões e desafios do processo empreendedor e como as empreendedoras superaram as adversidades do referido processo. Por meio de arcabouço teórico relativo ao empreendedorismo feminino, foi possível identificar potenciais motivações – individuais, familiares e mercadológicas - e desafios comuns ao processo empreendedor feminino, como dificuldade no acesso a recursos financeiros, sociais e a convivência com o preconceito.

Ao identificar as motivações das empreendedoras pesquisadas, notou-se a inexistência de um processo empreendedor pautado pela necessidade, como completar a renda familiar. Além disso, demonstrou-se como o preconceito e barreiras culturais proporcionadas pelo ambiente de negócios permeado por empreendedores e investidores homens influencia no desenvolvimento e operação dos empreendimentos liderados por mulheres.

Como limitações ao estudo, destaca-se que se trata de estudo em desenvolvimento, que pode – e recomenda-se – ser expandido, incluindo novas empreendedoras de base tecnológica como unidade de análise. Além disso, o estudo utilizou-se de relatos de empreendedoras de espaço geográfico específico do território nacional. Nesse caso, como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a inclusão de empreendedoras de regiões diversas, com vistas a se analisar as diferenças culturais em cada um dos relatos sobre o processo empreendedor vivenciado. Além disso, recomenda-se a execução de levantamento para melhor compreensão das consequências da necessidade das empreendedoras se adaptarem constantemente ao ambiente masculino a qual estão integradas. Cogita-se que tal pressão gere consequências em níveis individuais e organizacionais às mulheres empreendedoras.

## **Referências**



- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BAYMA DE OLIVEIRA, F. et al. Women entrepreneurship: A study in the Rio de Janeiro's harbor district. **Revista Reuna**, v. 26, n. 4, 2021.
- BOWEN, D. D.; HISRICH, R. D. The Female Entrepreneur: A Career Development Perspective. **The Academy of Management Review**, v. 11, n. 2, p. 393, abr. 1986.
- BUARIDE, A.; GOMES, J. DE L.; VALE, M. P. E. DE M. **Barreiras ao empreendedorismo por mulheres**. Anais do XII EGEPE - Encontro de Estudos de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. **Anais...2022**. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xiiegepe2022/477094-barreiras-ao-empreendedorismo-por-mulheres/>>. Acesso em: 3 jan. 2023
- CARRANZA, E.; DHAKAL, C.; LOVE, I. **Female Entrepreneurs: How and Why Are They Different?** [s.l: s.n.]. Disponível em: <[www.worldbank.org](http://www.worldbank.org)>.
- CORRÊA, V. S. et al. Female entrepreneurship in emerging and developing countries: a systematic literature review. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 14, n. 3, p. 300–322, 9 ago. 2022.
- CORTEZ, A. E. G.; DE ARAÚJO, A. G.; PEREIRA, F. A. D. M. A Influência dos Aspectos Cognitivos e Afetivos de Mulheres Empreendedoras nas Diferentes Fases de Desenvolvimento de um Negócio. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 2, p. 234–262, 1 ago. 2017.
- DATTA, R. From Development to Empowerment: The Self-Employed Women's Association in India. **International Journal of Politics Culture and Society**, v. 16, n. 3, 2003.
- EDMONDSON, A. C.; MCMANUS, S. E. Methodological fit in management field research. **Academy of Management Review**, v. 32, n. 4, p. 1246–1264, out. 2007.
- EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. Theory Building From Cases: Opportunities And Challenges. **Academy of Management Journal**, v. 50, n. 1, p. 25–32, fev. 2007.
- ESTRIN, S.; MICKIEWICZ, T. Institutions and female entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 37, n. 4, p. 397–415, nov. 2011.
- FAIRLIE, R. W.; ROBB, A. M. Gender differences in business performance: evidence from the Characteristics of Business Owners survey. **Small Business Economics**, v. 33, n. 4, p. 375–395, 5 dez. 2009.





- FUSCH, P.; NESS, L. Are We There Yet? Data Saturation in Qualitative Research. **The Qualitative Report**, 8 set. 2015.
- GIMENEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C. Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e Formação de Um Campo de Pesquisa. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 40–74, 1 abr. 2017.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Global Entrepreneurship Monitor 2021/22 Women’s Entrepreneurship Report: From Crisis to Opportunity**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.gemconsortium.org/report/gem-202122-womens-entrepreneurship-report-from-crisis-to-opportunity>>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- GRAY, K. R.; FINLEY-HERVEY, J. Women and Entrepreneurship in Morocco: Debunking Stereotypes and Discerning Strategies. **The International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 1, n. 2, p. 203–217, jun. 2005.
- IIZUKA, E. S.; COSTA, H. S. Negócios inclusivos liderados por mulheres empreendedoras: busca por avanços teóricos e empíricos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 20, n. 4, p. 417–435, ago. 2022.
- JENNINGS, J. E.; BRUSH, C. G. Research on Women Entrepreneurs: Challenges to (and from) the Broader Entrepreneurship Literature? **The Academy of Management Annals**, v. 7, n. 1, p. 663–715, jun. 2013.
- JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 373–382, dez. 2005.
- KOT, S.; MEYER, N.; BRONISZEWSKA, A. A cross-country comparison of the characteristics of Polish and South African women entrepreneurs. **Economics and Sociology**, v. 9, n. 4, p. 207–221, 2016.
- LANGOWITZ, N.; MINNITI, M. The Entrepreneurial Propensity of Women. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 31, n. 3, 2007.
- LINDHOLM DAHLSTRAND, Å. Technology-based entrepreneurship and regional development: the case of Sweden. **European Business Review**, v. 19, n. 5, p. 373–386, 4 set. 2007.
- MACHADO, H. V. et al. O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE eletrônica**, v. 2, n. 2, dez. 2003.



MATHEW, V. Women entrepreneurship in Middle East: Understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 6, n. 2, p. 163–181, 20 jun. 2010.

OLAREWAJU, T.; FERNANDO, J. Gender Inequality and Female Entrepreneurship in Developing Countries. Em: [s.l: s.n.]. p. 1–9.

OZKAZANC-PAN, B. Bowen and Hisrich (1986) on the female entrepreneur: 30 years of research and new directions for gender and entrepreneurship scholarship. Em: **Foundational Research in Entrepreneurship Studies: Insightful Contributions and Future Pathways**. [s.l.] Springer International Publishing, 2018. p. 103–126.

POWELL, G. N.; EDDLESTON, K. A. Linking family-to-business enrichment and support to entrepreneurial success: Do female and male entrepreneurs experience different outcomes? **Journal of Business Venturing**, v. 28, n. 2, p. 261–280, mar. 2013.

ROCHA DE PAULI, D. Do women use microcredit resources better? Evidence for Brazil. **Revista do Serviço Público**, v. 72, n. b, p. 58–87, 6 dez. 2021.

RODRÍGUEZ, M. J.; SANTOS, F. J. Women nascent entrepreneurs and social capital in the process of firm creation. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 5, n. 1, p. 45–64, 4 mar. 2009.

SANTOS DA SILVA, M.; MAINARDES, E. W.; LASSO, S. V. Características do empreendedorismo feminino no Brasil. **Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, p. 150–167, 2016.

SHRAGG, P.; YACUK, L.; GLASS, A. Study of barriers facing albertan women in business. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 9, n. 4, p. 40–49, 2 jan. 1992.

SUDDABY, R.; BRUTON, G. D.; SI, S. X. Entrepreneurship through a qualitative lens: Insights on the construction and/or discovery of entrepreneurial opportunity. **Journal of Business Venturing**, v. 30, n. 1, p. 1–10, 1 jan. 2015.

UN WOMEN. **UN Women Annual Report 2017-2018**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <annualreport.unwomen.org>. Acesso em: 3 jan. 2023.

VERHEUL, I.; VAN STEL, A.; THURIK, R. Explaining Female and Male Entrepreneurship Across 29 Countries. **Discussion Papers on Entrepreneurship, Growth and Public Policy**, p. 1–32, 2004.



VERSIANI, F.; CARVALHO NETO, A.; LIMA CAEIRO, M. Consequências (não) premeditadas do empreendedorismo para a mulher. **R. Adm. FACES**, v. 20, n. 2, p. 10–28, 2021.

WELTER, F. Contextualizing Entrepreneurship—Conceptual Challenges and Ways Forward. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, v. 35, n. 1, p. 165–184, 1 jan. 2011.

WELTER, F.; SMALLBONE, D. Women’s entrepreneurship from an institutional perspective: the case of Uzbekistan. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 4, n. 4, p. 505–520, 5 dez. 2008.

WINN, J. Women Entrepreneurs: Can We Remove the Barriers? **The International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 1, n. 3, p. 381–397, set. 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

### **Agradecimentos**

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas (FIP/PUC Minas) pelo suporte financeiro para a pesquisa deste artigo.